

DESCREVENDO UMA REGIÃO

Os relatos de viagem/passagem por Nioac no Sul de Mato Grosso (1850-1880)

DESCRIBING A REGION

Travel accounts and passages through Nioac in southern Mato Grosso (1850–1880)

LUIZ GABRIEL DE SOUZA NOGUEIRA¹

RESUMO

Neste artigo, serão analisados alguns dos relatos de viagens que registram a passagem de diferentes sujeitos e expedições pela região sul da província de Mato Grosso, dando atenção especial à localidade de Nioac, durante as décadas de 1850 a 1880. Para isso, utilizaremos relatos de *viagem/passagem* que descreveram a região a partir de contextos de produção, que são distintos, tanto em relação aos autores, quanto às circunstâncias e temporalidades que lhes deram origem. Descreveremos as informações trazidas por eles sobre a referida região, tendo como objetivo, além de compreendê-las, observar, por suas *frestas*, o processo de constituição desse núcleo populacional, na segunda metade do século XIX. Cabe ressaltar aqui que os estudos acadêmicos sobre essa localidade são escassos, sendo esta contribuição importante para a historiografia.

Palavras-chave: Nioac. Século XIX. Relatos de viagem.

ABSTRACT

This article examines a set of travel accounts that document the passage of various individuals and expeditions through the southern region of the Province of Mato Grosso, with particular focus on the locality of Nioac, between the 1850s and 1880s. These accounts are analyzed within the specific contexts of their production, which vary in terms of authorship, circumstances, and temporalities. The aim is to describe the information provided about the region, and, through the gaps and nuances in these narratives, to observe the historical process of the formation of this settlement during the second half of the nineteenth century. It is important to highlight that academic studies focusing on this locality remain scarce, thus making this contribution a valuable addition to regional historiography.

¹ Professor de História no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Juína. E-mail do autor: luiz.nogueira@ifmt.edu.br

Keywords: Nioac. 19th Century. Travel Accounts.

INTRODUÇÃO

É sempre importante, em toda e qualquer produção historiográfica, delinear de forma clara as fontes analisadas e sua relação com o problema investigado. Além disso, faz-se necessária uma compreensão detalhada sobre o lugar de produção destes vestígios, tendo em mente, sempre, que os documentos são transformados em fonte pelo olhar do pesquisador, não sendo, portanto, originalmente produzidos para esse fim.

Os escritos que serão aqui analisados se inserem nesse processo de problematização e releitura das fontes. Este artigo visa perceber como a região de Nioac, ao sul de Mato Grosso, foi descrita nos relatos de viagem/passagem e, dessa forma, compreender alguns dos fatos que a fizeram emergir como uma região a ser descrita no contexto da segunda metade do século XIX.

Pretendemos nos aproximar dos relatos de viagem/passagem, tendo-os como objeto, como foco de análise, compreendendo-os como produtos de um contexto histórico específico e produtores de percepções e sentidos que nos ajudem a entender como estes indivíduos projetaram, em seus relatos, os aspectos sociais, ambientais e demográficos da região sul da província de Mato Grosso, em especial a localidade de Nioac. Nossas perguntas principais são: quais as características destes relatos e como eles descrevem a região sul de Mato Grosso? Quais foram as menções feitas sobre a região de Nioac? Em que medida estes relatos se assemelham ou se diferenciam em suas descrições sobre a região? Qual seu contexto e circunstância imediata de produção? Como estes escritos nos ajudam a compreender o processo de formação daquele núcleo populacional?

O principal critério que tivemos ao realizar o levantamento destes relatos foi o de considerar em nossas análises apenas as viagens que percorreram o sul da província de Mato Grosso e tiveram passagem pela localidade destacada no período imperial. Esse recorte foi necessário, pois, como é sabido pela historiografia, muitas foram as viagens e expedições que percorreram o território

da província de Mato Grosso no contexto em tela e que deixaram seus respectivos relatos. Portanto, este estudo não pretende abarcar todos os relatos de *viagem/passagem* por essa região, nem tem a pretensão de ser exaustivo e definitivo, mas, sim, de abrir caminhos e apontar leituras.

Não estabeleceremos aqui uma crítica no sentido de verificar a veracidade, autenticidade e precisão das informações trazidas nos relatos, o que seria tarefa quase impossível. Embora procuremos descrever tanto quanto possível estes registros, nossa intenção é mesmo a de os apresentar, analisando-os em seu contexto de produção, e como seus autores projetaram seus olhares para a região.

É relevante ainda enfatizar, que os estudos acadêmicos sobre a localidade em destaque ainda são escassos. O trabalho de Nogueira (2024) buscou analisar o processo de constituição da freguesia de Nioac em fins do século XIX a partir dos registros paroquiais de batismo e trouxe um debate sobre o processo inicial de ocupação não indígena da localidade. Além deste, os textos que se dedicaram especificamente à história de Nioac foram redigidos por escritores locais e memorialistas, como Palermo ([1892] 2010) Dalmolin (2004) e Serejo (1959 e 2008). Estes poucos trabalhos², no entanto, indicam que a localidade não foi suficientemente estudada, o que é incompatível com a relevância de Nioac enquanto ponto militar fronteiriço e núcleo populacional da província de Mato Grosso na segunda metade do século XIX.

1. O SURGIMENTO DO NÚCLEO POPULACIONAL DE NIOAC

As primeiras referências acerca da localidade que posteriormente ficaria conhecida como Nioac são de 1849. João da Silva Machado, o Barão de Antonina, promoveu entre os anos de 1844 e 1857 nove expedições de exploração na região meridional da província de Mato Grosso com o objetivo de estabelecer comunicações fluviais-terrestres entre Antonina e Cuiabá, ligando a bacia do Paraná à do Paraguai. Estas expedições estavam sob a direção do

² Importante frisar que, além destes textos citados, muitos trabalhos acadêmicos e livros de História que versam sobre o antigo sul de Mato Grosso citam, de passagem, a existência do núcleo populacional de Nioac, porém sem fazer uma análise específica.

sertanista mineiro Joaquim Francisco Lopes e do norte americano João Henrique Elliott.³

No início da década de 1850 Joaquim Francisco Lopes produziu um relato no qual narrou que ficou encarregado de “verificar a possibilidade de abertura de uma via de comunicação entre o porto de Antonina, no Paraná, e a Província de Mato Grosso pelo baixo Paraguai” (Lopes, 1854. 326), via essa que, segundo o sertanista, seria mais bem aproveitada se passasse pelo rio Nioaque⁴. Na viagem, o sertanista definiu um local no encontro deste rio com o ribeiro Urumbeva, onde foram fincados “dois padrões de cerne de Piúva, um na barranca do rio, outro no campo; onde gravei a era de 1849 e as letras iniciais do nome B. de A.” (Lopes, 1854. 326), referentes ao título do Barão de Antonina. Essa localidade deveria, portanto, servir de entreposto para um varadouro⁵ que ligaria São João de Antonina, como ficou logo denominado o local em homenagem ao Barão, à São José de Monte Alegre, situada no rio Brilhante.

A denominação São João de Antonina, que era a referência inicial adotada para designar a localidade de Nioac, logo caiu em desuso, assim como a via que Joaquim Francisco Lopes procurava abrir ligando o planalto do Paraná à bacia do rio Paraguai. Isso ocorreu pelas dificuldades impostas por este caminho fluvial, que percorria rios que possuíam pouco potencial de navegabilidade e, de forma ainda mais importante, por conta da abertura da livre navegação do rio Paraguai, obtida a partir de um acordo em 1856, “após a sequência de tentativas malogradas do império para liberar o caminho fluvial pelo rio Paraguai” (Corrêa, 1981, p.37).

Um ano após a passagem de Joaquim Francisco Lopes pela região, em 1850, “mandou o governo colocar um destacamento de 25 praças” em cada um dos pontos do referido varadouro, ficando sob a direção do major João José Gomes, comandante do distrito militar de Miranda (Melgaço, 1884, p.435). Contudo, a morte repentina deste oficial fez com que houvesse pouca atividade no serviço do varadouro, até que, em 1854, o destacamento militar estabelecido

³ Ver Wissenbach (1995).

⁴ Descreverei o rio Nioaque com a grafia atualizada. Quando o nome Nioac sem atualização aparecer, será uma referência ao núcleo populacional.

⁵ Este varadouro distava cerca de 52 quilômetros, sendo as cargas e canoas, nesse trecho, transportadas por terra (Melgaço, 1884, p.435).

naquele varadouro “passou a ser dirigido pela presidência do Paraná e em 1856 tornou a ficar sob as vistas e ordens da de Mato Grosso” (Melgaço, 1884, p.435).

Ainda segundo o Barão de Melgaço:

Neste intervalo de dois anos vieram do Paraná algumas expedições, umas particulares, outras conduzindo pessoal de guerra. Foi por essa via que chegaram, em 1856, o comandante das armas e o segundo batalhão de artilharia a pé. O trajeto chamou a Nioac algumas pessoas que ali se estabeleciam, dando começo a uma pequena povoação (Melgaço, 1884, p.435).

Ao que parece, segundo a afirmação de Melgaço em seus *Apontamentos para o Dicionário Corográfico da Província de Mato Grosso*, de 1884, este foi o início do processo que deu origem ao núcleo populacional estabelecido às margens do rio Nioac. Sua característica inicial, portanto, é de um destacamento com presença de militares e de população civil, oriunda principalmente da província do Paraná, tendo, assim, as características de uma típica colônia militar.⁶

Vemos aqui que o próprio evento que delimitou o local onde posteriormente se deu o processo de constituição daquele ponto militar e povoado foi realizado a partir de uma *viagem/passagem* pela região. Este não é um fato excepcional, visto que, em meados do século XIX, a região do planalto sul da província de Mato Grosso ainda não era densamente povoada por populações não indígenas.⁷

A ocupação não indígena da porção do planalto sul da província de Mato Grosso se deu, de forma mais intensa, a partir da primeira metade do século XIX. Famílias provenientes de São Paulo e Minas Gerais se deslocaram para essa região, que, até aquele momento, era local apenas de investidas de exploradores

⁶ O Segundo batalhão de Artilharia a Pé que parece ter iniciado o efetivo processo de ocupação daquela colônia “viajou do Paraná, pela via fluvial Tibagi – Paranapanema – Ivinhema – Brilhante – Miranda, sob o comando do então tenente-coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão” (Palermo, 2010, p.35).

⁷ Embora não seja o interesse principal deste trabalho, há que se pontuar aqui a existência de diversas etnias indígenas que já habitavam a região sul da província, como os Caiapó, Guaikuru e Kaiowa. Estas etnias tiveram participação decisiva nesse processo e deixaram vestígios nas fontes que são utilizadas pelos pesquisadores para entender o processo de ocupação não indígena da porção sul da província de Mato Grosso, como por exemplo, os relatórios de viagens da primeira metade do século XIX, como serão tratados adiante. Ver: Chamorro; Combès (2015, p.71). Sobre a colonização não indígena no sul da província de Mato Grosso e seus impactos para os Kaiowá ver: Crespe (2010).

que visitavam o território de forma esporádica, ou por indivíduos que passavam para atingir outras áreas da província e não tinham o objetivo de se estabelecer no local, o que fazia com que o planalto meridional servisse apenas como *área de passagem*.⁸

No entanto, a região apresentava potencialidades econômicas devido, entre outros fatores, às grandes pastagens propícias a criação bovina e à existência de gado bravo. João Antonio Botelho Lucidio, que abordou o tema da ocupação do planalto em sua dissertação de mestrado, enfatizou que a pecuária bovina e a agricultura de subsistência possibilitaram a produção da vida material das famílias provenientes de outras localidades do Brasil, que passaram a se apropriar de vastas extensões de terras na região (Lucidio, 1993). Seu estudo demonstrou que a partir de 1830 iniciou-se o primeiro momento do referido processo, quando começou a se consolidar um novo padrão de acumulação, tendo por base a exportação de gado em pé e a agricultura de subsistência. A partir dessa década, portanto, criaram-se várias fazendas por indivíduos vindos, sobretudo, das províncias de Minas Gerais e São Paulo que se afazendaram na região, animados pelas excelentes pastagens e a facilidade em se obtê-las. Segundo Vilma Saboya, as terras devolutas da província de Mato Grosso eram muitas, sendo “a posse garantida àqueles que conseguissem enfrentar os obstáculos naturais e os índios” estabelecidos na região (Saboya, 1995, p.122).

Em meados do século XIX, estava em andamento um projeto do Império, que promovia a criação de colônias militares em todo o território nacional, sobretudo em regiões de fronteira. Somente na década de 1850 foram criadas mais de vinte colônias militares no Brasil, as quais estavam dispersas em diversas províncias do Pará ao Rio Grande do Sul (Faria, 2009).

Este projeto imperial foi respaldado por três instrumentos legais: a lei orçamentária nº 555 de 1850, que autorizou o Poder Executivo a investir na construção de colônias militares; a chamada Lei de Terras, de 18 de setembro de 1850, que previa o uso de terras devolutas como propriedade pública; e o regulamento nº 1.318, de 1854, que normatizou a execução da Lei de Terras,

⁸ Essa expressão é apropriadamente utilizada por Corrêa (2006, p.56).

estabelecendo regras para a medição das terras das colônias que seriam criadas (Faria, 2009, p.2).

Esta iniciativa Imperial alcançou também a província de Mato Grosso. A fronteira com o Paraguai foi escolhida para a criação da colônia de Nioac, situada às margens do rio homônimo, e da colônia militar de São José do Monte Alegre, às margens do rio Brilhante. O decreto nº 1.578 de 10 de março de 1855, assinado pelo Ministro do Império Luiz Pedreira do Couto Ferraz, criou conjuntamente as duas colônias⁹. Os relatos aqui analisados descrevem o período posterior à instalação da colônia militar de Nioac e do Brilhante, na localidade estabelecida por Joaquim Francisco Lopes.

Como o período estabelecido para nosso recorte temporal vai da década de 1850 à de 1880, e perpassa momentos históricos distintos, para melhor organizar e caracterizar os relatos de viagem/passagem, iremos dividi-los em três períodos distintos, conforme o quadro abaixo.

Tabela 1: Relatos de *Viagem/Passagem* que descrevem a região de Nioac (1850-1880)

Período e contexto da viagem	Autor e publicação do relato
Relatos de <i>viagem/passagem</i> . Período entre 1850-1864	- Epifânio Candido de Sousa Pitanga, IHGB, 1864. - Luiz Soares Viegas, IHGB, 1863.
Relato de Guerra 1866-1867	- Visconde de Taunay, 1867.
Relato da Freguesia 1886	- Cônego Bento Severiano da Luz, 1977.

Fonte: autor

Importante salientar que este recorte tem como finalidade apresentar de forma didática os relatos aqui analisados em relação ao seu contexto de produção e não deve ser lido como uma proposta de periodização das viagens ao sul da província de Mato Grosso ou mesmo do processo de constituição do núcleo populacional de Nioac no século XIX.

⁹ A criação de colônias militares no território da província de Mato Grosso continuou ao longo do século XIX, como incentivo à ocupação de outras áreas da província. Ver Nogueira (2024, p.37).

Note-se que estes escritos narram viagens que “passaram” pela localidade de Nioac e não tinham o objetivo de ali “chegar”¹⁰. É relevante enfatizar isso, pois esse fato desencadeia pelo menos dois aspectos que nos falam diretamente do *lugar de produção*¹¹ destes escritos. O primeiro aspecto é que, embora estes relatos tenham sido publicados e divulgados em diferentes meios, os textos aqui analisados não foram redigidos especificamente para que pessoas que viviam naquela região procedessem à leitura daquele material. Dito de outra maneira, os autores destes relatos não se preocuparam primariamente com o que a população local iria “pensar” sobre como eles abordaram as informações trazidas e/ou suas opiniões pessoais explicitadas. O segundo aspecto é sobre a dimensão mesma da extensão que os autores dedicaram para a descrição da localidade de Nioac em seus escritos. Nos diversos relatos aqui analisados, veremos que a descrição se mostrou sucinta, curta e direta, pois estas viagens não tinham Nioac como o *destino final*.

2. OS RELATOS DE VIAGEM/PASSAGEM

Em 1857, o 1º tenente de engenheiros, Epifânio Candido de Sousa Pitanga, realizou uma viagem “compreendendo os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Samambaia, Ivinhema e Brilhante, o Varadouro do Neoac, e os rios Neoac e Miranda” (Pitanga, 1864 p.183). Seu relato traz descrições minuciosas dos rios, ribeirões, quedas d’água, ilhas, trajetos de fácil e difícil navegabilidade, pontos de descanso etc. Descreve também, a passagem por “índios aldeados” ao longo de boa parte do trajeto percorrido e faz algumas ponderações sobre a população indígena que ali vivia.

As descrições de Pitanga, em formato de diário, privilegiam claramente os aspectos naturais e topográficos do seu trajeto. Nesse sentido, o autor não faz descrições detalhadas, sobre as populações que viviam nestas fazendas, nem mesmo chega a relatar seus respectivos proprietários. Ele parece estar preocupado em trazer ao leitor uma espécie de mapa descritivo para futuras

¹⁰ Aqui se justifica o uso da expressão *relatos de viagem/passagem* ao se referir aos escritos analisados.

¹¹ Tomo aqui esse conceito conforme trabalhado por Certeau (2010).

viagens, que seriam realizadas na região. Seu relato é um claro roteiro de viagem, trazendo apontamentos e alertas sobre a fauna e flora em geral.

Após passar pela fazenda Sete Voltas e porto dos Barbosas, Pitanga chega à “pequena fazenda ali existente”, Fazenda de Santa Gertrudes, nas proximidades de um ribeirão homônimo (Pitanga, 1864 p.180). Ao descrevê-la, Pitanga diz:

Falhei na dita fazenda à espera de cargas. Os seus recursos são diminutos, porém, e pode contar com mantimento, aguardente, rapadura, gado de pé ou xarque e meio de transporte, se se prevenir com antecedencia. Colocada em um lindíssimo campo de serra acima, não conserva ali a criação de gado pela completa falta de salinas (Idem).

A localização da fazenda Santa Gertrudes era próxima ao varadouro que ligava os rios Brilhante e Nioaque, já descrito anteriormente. Após a travessia desse varadouro, Pitanga afirma que passou por “excelentes campos de criação, e uma fazenda de gado meia legua distante do Neoac, onde cheguei a 7h da noite” (Pitanga, 1864 p.182). No dia 3 de fevereiro de 1858, o 1º tenente de Engenheiros assim descreve a localidade de Nioac:

à margem direita do rio [Nioaque], é ele composto de ranchos de palha, havendo entre os tais um mais regular servindo de quartel. É completamente falto em tudo, não falando nas pequenas roças ali existentes, que, com quanto estejam em terrenos fertilíssimos, não garantem o sustento, sequer, a um só indivíduo. Os meios de transporte são ali totalmente nulos, e para poder transportar-me foi necessário que o comandante militar do lugar mandasse remendar uma prancha particular. Não obstante, é regularmente saudável e tem grande importância como ponto militar (Idem).

O tenente Epifânio Cândido Pitanga descreve um local carente de recursos e estrutura, tanto para os militares ali estacionados, quanto à população civil residente. Interessante notar que o autor não nomeia a localidade como colônia militar, trazendo apenas a descrição “ponto militar”. Talvez porque carecia da informação ou mesmo pelas características do local, Pitanga parece não saber ao certo a origem daquele “ponto militar” ao afirmar que “deixou o destacamento ou pequeno arraial do Neoac às 12h 10”.¹²

¹² Essa não foi apenas uma característica do relato de Pitanga, como veremos mais adiante.

Ao sair dali se dirige para a vila de Miranda. Nesse trajeto, passa pelo porto da fazenda Forquilha, que distava, segundo o autor, 4 léguas da margem do rio Nioaque e próximo a confluência deste rio com o Miranda, e possuía “10.000 cabeças de gado vacum e 200 do cavalari” (Pitanga, 1864 p.188). Ele ainda descreve outras fazendas com criação de gado vacum e cavalari antes de chegar ao seu destino, que era a vila de Miranda.¹³

Ao descrever esta vila, o autor afirma que ela não é “completamente doentia, como se tem apregoad”¹⁴, e, apesar de possuir alguma lavoura, “ella pouco produz, pela indolencia de seus moradores” (Pitanga, 1864 p.191). Além disso:

Seu clima, geralmente muito quente, apresenta transições bruscas, uma das causas mais frequentes das molestias do lugar. A instrucção primaria e o culto, fracamente representados, podem explicar a moral fragil e a falta de amor ao trabalho na mencionada vila. A vida comercial, [...] pareceu-me o facto mais importante e digno de honrosa menção no referido lugar, onde terminei a viagem que me foi imposta pelas instrucções que me foram dadas pela secretaria d'estado dos negocios da guerra (Idem).

A viagem de Epifânio Candido de Sousa Pitanga, em meados do século XIX, se insere num contexto de investida do governo imperial para melhor conhecer os territórios *distantes* da nação, a partir dos pressupostos científicos da época. Palmilhando estes *sertões*, aqueles viajantes produziram relatos que estão profundamente marcados pelas representações de um *outro geográfico*, como afirma Galetti (2012).

Este relato de Epifânio Pitanga, foi publicado originalmente pela revista do IHGB, no ano de 1864. Esta instituição teve papel sobremodo importante para a construção de uma ideia de nação e civilização nos trópicos, como já bem demonstrado por Guimarães (1988) e publicou ao longo do século XIX muitos relatos de viagens, os quais descrevem diversas regiões do Brasil, inclusive a província de Mato Grosso.

¹³ Relata um local denominado Taquaral com “10 casas de palha, contando 50 moradores, com pequenos núcleos de criação de gado vacum e cavalari e pequenas roças”. Além disso, passou pelo porto da fazenda Lalima “onde se pode contar com 5.000 cabeças de gado vacum e algum cavalari” e onde estão “aldeiados alguns índios guaycurús, e poucos da nação terena.” (Pitanga, 1864, p.189 a 191)

¹⁴ Mais adiante, veremos que a descrição da região de Miranda como insalubre foi reproduzida e enfatizada por Taunay, que passou por ali seis anos depois.

Concordamos com o que afirma Lylia Galetti quando diz que escritos como estes

Não apenas buscam produzir/registrar um saber sobre as vastas porções desse território, ainda assinaladas nos mapas da nação como grandes manchas de terra incógnitas, mas que também se ocupam em propor todo um repertório de ações destinadas a romper as *trevas da barbárie* e irradiar pelos sertões as luzes da *civilização* (Galetti, 2012, p. 231) [grifo da autora].

Nesse sentido, é importante considerar que estes relatos não são meras observações da paisagem ou mesmo descrições precisas e neutras acerca de uma região, mas que estão também impregnados de sentidos que são elaborados e reproduzidos por seus autores. Ainda mais, como afirma Epifânio em citação anterior, estas viagens eram muitas vezes impostas por um órgão central do império, o que conferia um certo grau de missão a alguns de seus partícipes, sobretudo os sujeitos que estavam no comando.

Foi o que ocorreu com o militar Luiz Soares Viegas, que comandou uma viagem da Corte à vila de Miranda em cumprimento à ordem do ministro e secretário de estado dos negócios da guerra, brigadeiro Jeronimo Francisco Coelho. Sua viagem iniciou-se de forma oficial em 14 de julho 1858 e chegou ao seu destino somente em 1859.

Eram cerca de duas horas da tarde, quando largou a monção, em cujo acto perguntou-me o Sr. Deputado – por conta de quem seguia a expedição? Respondi-lhe – por conta de sua Magestade o Imperador, e reponsabilidade do Dr. Deputado José Delfino de Almeida. Viva sua Majestade o Imperador! Viva a Família Imperial! Viva a nação brasileira! Viva o Sr. Deputado José Delfino de Almeida! (Viegas, 1863, p.462)

Em sua descrição, Luiz Viegas procurou detalhar, também em formato de diário, paisagens, características dos rios e córregos em que passaram, alimentação dos viajantes, o relacionamento dos camaradas¹⁵, nomes de embarcações e de alguns sujeitos que encontrava durante a viagem. Diferentemente de Pitanga, Viegas fez um trajeto partindo de São Paulo para Mato Grosso, e elaborou uma narrativa com pretensões mais detalhistas e

¹⁵ “Camarada era uma ocupação desenvolvida por homens livres ou libertos que eram contratados para desenvolver uma determinada atividade ou diversas, por meio de acordos de trabalho, temporários ou não” (Sena, 2010). Sena analisa, inclusive, a relação de Viegas com alguns de seus camaradas (Sena, 2010 p.86).

descritivas, tanto dos locais, quanto das pessoas com as quais entrava em contato.

Luiz Viegas fez uma “tormentosa viagem”, na qual comandou dezessete canoas e “quatro balsas que são dois batelões” que estavam “muito carregadas, levando, além das cargas imensos saccos de farinha, feijão, muitos caixões de toucinho, de carne seca e de vacca, assucar, café, barris de restilo” (Viegas, 1863, p.522). Seu relato descreve a fuga de muitos soldados e camaradas e as paradas de diligência para recapturá-los, além das privações de alimentos para toda a tripulação em muitos momentos da viagem, sobretudo quando adentram ao território da província de Mato Grosso.

Por ser uma viagem com muitas pessoas presentes, além de cargas e objetos diversos, o relato de Luiz Viegas caracteriza-se por acentuar as próprias relações dos viajantes entre si, seus conflitos, doenças¹⁶, acidentes etc. Em muitos momentos o autor faz questão de enfatizar reclamações, como a que se segue:

Quanto a mim, vivo a muito tempo e a todos os momentos combatido de desgosto, afflições e dissabores os mais profundos, por ver esta gente soffrer privações de que eu partilho, pois que todos que vêm n’esta monção, se alimentam quasí da mesma forma, por se achar de todo extincto o grande sortimento, que trouxemos de Piracicaba e por considerar que muitos que estão na côrte e outras povoações gozando de escolhidos alimentos e de outros commodos, terão talvez de censurar-me (Viegas, 1863, p.509).

Estes reclamos do autor aumentam ao longo do relato à medida que a viagem avança de forma lenta, o que se dá, sobretudo, quando navegam pelo rio Ivinhema, onde há expressiva falta de alimentos e proliferação de doenças, deserção e mortes de praças e camaradas.

Apesar de o destino do autor ser apontado no início como a vila de Miranda, o relato da viagem encerra-se quando chega ao posto militar de Nioac, no dia 24 de junho de 1859. Viegas não descreve com detalhes o que viu naquele destacamento militar de fronteira, nem suas características ou população. Porém, em sua conclusão, o autor se permite fazer considerações para futuras viagens, a partir de sua experiência. Nestas considerações, Viegas fornece

¹⁶ Principalmente sezões, dores no peito, constipação e acidentes diversos.

algumas dicas de ordem prática sobre arregimentação de praças e camaradas e sobre a disciplina dos soldados. Apontou, ainda, a carestia dos preços de mantimentos fornecidos pelos afazendados que viviam nas proximidades do posto militar de Nioac.

Os fazendeiros mais próximos estão situados a cinco ou mais léguas a margem do rio, dos quais para se obter quaisquer mantimentos (sempre por preço alto) passam-se dias, porque é preciso esperar que se procure as rezes no campo, e, muitas vezes, que se faça farinha. Vencido isso, ainda a demora de pegar os bois, para conduzirem os carros, único meio de transporte, consome ainda algum tempo (Viegas, 1863, p.534)

Esta situação é apontada com grande ênfase pelo autor em sua conclusão, e com um explícito desejo de intervenção por parte do estado imperial para que aquela situação fosse alterada. Em sua perspectiva, Viegas estava autorizado, como conhecedor *in loco* da região, a propor, ao governo imperial, medidas específicas para o destacamento militar ali estacionado em sua relação com as populações das fazendas próximas.

A missão dada a estes militares viajantes consistia em percorrer, palmilhar e descrever a região, fazendo apontamentos sobre aqueles *confins* do Império do Brasil, região inóspita, que deveriam ser integrados à nação, mas que eram considerados hostis à presença do homem civilizado. Os interesses do ministério dos negócios da guerra ao financiar e enviar estas viagens eram claros e tinham o objetivo de conhecer, esquadrihar e, portanto, dominar a região de fronteira com o Paraguai, cujos limites, àquele momento, estavam em crescente litígio e em discussões diplomáticas.

Alguns anos depois das viagens de Pitanga e Viegas, em dezembro de 1864 ocorreu a investida paraguaia sobre a região sul da província de Mato Grosso, dando início a um conflito que duraria até o ano de 1870. Essa investida se propôs a adentrar ao território brasileiro por três eixos: um atingindo o Forte Coimbra e posteriormente Corumbá; outro eixo se dirigindo à Colônia de Miranda, chegando à Nioac e, por fim, a vila de Miranda; e um terceiro, que se desmembrou deste último para adentrar pela região de Ponta Porã e atingir a Colônia dos Dourados (Mello, 1969, p.61). Nos três casos, as forças paraguaias tiveram êxito e conseguiram se estabelecer em território brasileiro.

Segundo relatório que descreve a tomada do território brasileiro, escrito pelo coronel paraguaio Isidoro Resquin, ao marchar sobre a povoação de Nioac, as forças paraguaias “não encontraram mais que dois indivíduos, um espanhol e outro português europeu” (Moutinho, 1869, p.265). Ao mandar que verificassem o estado do local, Resquin afirma que:

[...] Na comandância não se encontraram mais do que seis carabinas de caça e seis espadas de tropa, depois se encontraram os armamentos, caixões de bala, pólvora e papeis enterrados no fundo do curral da comandância, e também algum armamento e munições se encontraram nas casas que com efeito mandei visitar. [...] No mais, não se acharam senão comestíveis e trastes, que não puderam levar na fuga. [...] O povoado consta de 130 casas, sendo 30 principais, tendo um oratório e um espaçoso quartel, que cai ao oeste da praça sobre a rua Leverger. A comandância cai a leste da mesma praça sobre a rua de Santa Rita, podendo aquartelar 500 homens. (Resquin apud Moutinho, 1869, p.266) ¹⁷

Esta descrição do coronel paraguaio, no início do conflito em dezembro de 1864, é ligeiramente distinta daquelas feitas por Pitanga e Viegas, citadas anteriormente. Também apontando a localidade como povoado, Resquin descreve com um pouco mais de detalhes a estrutura local, tanto no que diz respeito a casas da população civil, quanto ao destacamento militar. Não é possível precisar ou mesmo dimensionar o crescimento populacional e econômico de Nioac nesse contexto, porém, torna-se claro que na localidade ocorria, desde a criação da colônia militar em 1850, um sensível incremento populacional e militar ainda no período anterior à Guerra com o Paraguai (1864-1870). O conflito, portanto, foi danoso e destrutivo, na medida em que interrompeu um processo que já ocorria, além de causar diversas mortes.

Com o objetivo de recuperar o território sul da província de Mato Grosso invadido pelos paraguaios, em 1865 iniciou-se um movimento de resistência por parte do exército brasileiro, com a formação de uma coluna expedicionária que atuaria na região, para reforçar as tropas mato-grossenses. Sobre esse episódio temos, dentre outros, o relato conhecido de Alfredo D’Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, que em sua *A Retirada da Laguna* descreve os percalços

¹⁷ A citação foi feita com a ortografia atualizada. A estrutura descrita por Resquin como oratório, será chamada adiante de “Igreja de pitoresca aparência” por Taunay.

enfrentados pela expedição que procurava “reagir contra o inimigo” invadindo a parte setentrional do país vizinho (Taunay, 1952) ¹⁸.

Nesta obra, já um clássico da literatura brasileira, escrita em 1871, Taunay transita ora pelo Romantismo ora pelo Realismo, descrevendo personagens e paisagens que, em sua perspectiva, marcavam e eram típicos do *sertão* brasileiro. Embora haja grande discussão na crítica literária sobre a obra em questão, parece claro que ela é profundamente marcada por procedimentos narrativos que elaboram cenas, personagens e acontecimentos, cujo foco principal é criar uma verdadeira epopeia de guerra, o que insere o autor num processo mais amplo de construção da identidade da nação e do nacionalismo brasileiro. A narrativa, portanto, pode ser considerada, como pontuou Naira Nascimento, a partir da categoria de depoimento, tanto pelos propósitos do autor, como pela recepção contemporânea (Nascimento, 2002, p. 130). Considerando estes aspectos, nosso interesse aqui é o de evidenciar, também nessa importante narrativa de Taunay, suas descrições e elaborações sobre a região em questão.

Como bem salientado por Galetti, em *A Retirada da Laguna*, um dos elementos mais fortes “é a constatação de que o território de Mato Grosso era praticamente desconhecido dos brasileiros do litoral” (Galetti, 2012, p. 243). Nesse sentido,

Mato Grosso é apresentado como um grande e remoto sertão, uma fronteira externa e interna do Brasil, um espaço privilegiado no qual se deveriam fincar marcos importantes da nacionalidade brasileira e da presença do Estado Imperial (Galetti, 2012, p. 243).

Sua passagem pela região em um contexto de guerra, de conflito militar em torno de uma causa, certamente contribuiu para que o autor elaborasse uma imagem do sul de Mato Grosso como palco de uma epopeia. Assim, em *A Retirada da Laguna* são descritos cenários hostis ao ser humano, que impuseram grande adversidade ao avanço da coluna brasileira, e, ao mesmo

¹⁸ O autor trata deste mesmo evento em outras obras, como por exemplo em Taunay (1927). Para uma leitura sobre os usos, apropriações e reapropriações desse evento para constituição da memória sul mato-grossense ver Squinelo; Marin (2015).

tempo, apresentam-se quadros de uma natureza bucólica e idílica, de beleza singular.

Já no segundo capítulo, após um esforço de localização da região para o leitor, Taunay faz questão de enfatizar os aspectos negativos envolvidos na estada da coluna brasileira em Miranda. O autor atribui o agravamento de uma epidemia de beribéri na tropa, exatamente pelas condições insalubres daquela vila, que estaria “rodeada, numa extensão considerável, de depressões que a menor chuva, num instante, inunda, até mesmo na melhor estação”, e ainda que era “privada de boa água, pois a do Miranda é sempre agitada e lodosa” (Taunay, p.26, 1952), o que acabava por causar a morte e dispensa por doenças de muitos militares. Taunay parece reproduzir uma perspectiva que já foi utilizada por outros viajantes que passaram pela região de Miranda. Como vimos anteriormente, o relato de Pitanga, embora se assemelhe em parte com as características salientadas por Taunay, fez questão de afirmar que a vila de Miranda não era “completamente doentia, como se tem apregoadado” (Pitanga, 1864, p.191).

Em contradição a esse cenário insalubre e adverso, o autor passa a narrar o deslocamento da coluna em direção à região do planalto. A “Marcha de Miranda para Nioac” ocupa boa parte do segundo capítulo da obra, descrevendo uma paisagem em que “[...] não mais pousávamos os olhos sobre as tristonhas perspectivas dos pântanos. Pelo contrário, nos comprazíamos agora em contemplar verdejantes campinas, trechos que apresentavam os mais poéticos aspectos, à sombra de poderosos contrastes luminosos” (Taunay, p.29, 1952). Segundo o autor, até mesmo a marcha da coluna foi realizada com maior organização e regularidade nesse trajeto.

Ao chegarem em Nioac, no dia 24 de janeiro de 1867, os militares brasileiros encontraram a localidade abandonada pelos paraguaios e parcialmente destruída, sendo assim descrita pelo autor:

Poupadas, apenas, duas casas e uma pequena igreja de pitoresca aparência. À primeira vista agrada o aspecto geral do lugar. De um lado, o povoado e um ribeirão chamado Orumbeva; de outro o rio Nioac, cujas águas confluem cerca de 900 metros, para trás da igreja, deixando livre, em torno desta, à direita e à esquerda, um espaço duas vezes maior. Pequena colina fica-lhe em frente, a pouca distância (Taunay, p.30, 1952).

Referindo-se ao lugar como povoado, Taunay afirma, ainda, que Nioac passou a ser a base das operações da coluna brasileira (Taunay, p.158, 1952). A estada da coluna ali foi enfatizada pelo autor como um momento em que houve uma benigna influência do planalto “que fez desaparecer completamente a epidemia, reestabelecendo-se de pronto os doentes” (Taunay, p.31, 1952), muito embora a localidade não estivesse situada exatamente na região do planalto sul de Mato Grosso, mas sim em terrenos que, apesar de situados ainda na bacia do Paraguai, eram mais elevados, não estando, por isso, sujeitos às inundações periódicas que caracterizam o Pantanal.

A descrição do autor sobre Nioac constrói a imagem de um vilarejo distante numa região de *sertão/fronteira*, cuja população vivia apartada e distante da presença do estado e da civilização, mas que conservava aspectos da nacionalidade brasileira que o autor quis contemplar em sua obra¹⁹. Além disso, Taunay descreve, assim como os viajantes analisados anteriormente, a existência de diversas propriedades rurais que “pertenciam a famílias estimadas e bem conhecidas de fazendeiros das vizinhanças de Nioac: Barbosas, Ferreiras, Lopes [...]” (Taunay, p.44, 1952).

Ao retornarem da investida feita à região de Laguna, no Paraguai, a coluna brasileira procurou novamente se estabelecer em Nioac. Segundo Taunay, os militares brasileiros encontraram o local mais uma vez destruído pela Cavalaria paraguaia, a qual se adiantou aos brasileiros e alcançou o lugar evacuado pelo oficial encarregado de sua defesa, contra as ordens do comando da expedição. Nesse episódio, segundo a narrativa de Taunay, os paraguaios prepararam mais uma emboscada aos brasileiros depositando pólvora no interior da pequena igreja que existia na localidade, o que provocou uma grande explosão que fez várias vítimas, quando um soldado decidiu utilizar um isqueiro no interior do edifício (Taunay, p.161, 1952).

Concordamos com Squinelo e Marin, quando afirmam que:

Na obra, Taunay assumiu o fracasso da coluna, entretanto, narrou o episódio de forma romântica, épica e honrosa. Assim,

¹⁹ É o caso, por exemplo, da construção da personagem do guia Lopes, que era um proprietário de terra que vivia na região e que se tornou o guia da coluna brasileira. Na narrativa de Taunay, o guia Lopes foi apresentado possuindo características de um verdadeiro herói nacional: “coragem, força, lealdade, honestidade, ousadia e espírito guerreiro, recebendo por vezes o epíteto de ‘intrépido velho’” (Nascimento, 2002, p. 131).

o que se constituiu em um fracasso para o exército brasileiro adquiriu, nas sucessivas páginas de sua obra, outra dimensão, qual seja, a do patriotismo, da glória, da honra, da defesa e da entrega pela pátria (Squinelo; Marin, 2015, p. 386).

A localidade de Nioac parece ser representada por Taunay como um *povoado mártir*, que sucumbiu às agruras da guerra e pelo ódio do inimigo. O último capítulo da *Retirada da Laguna* descreve a destruição da “infeliz e bela Nioac”, que foi “aniquilada com sua Igreja” (Taunay, p.161, 1952) Dessa forma, a obra inicia-se com a chegada da coluna àquela localidade e encerra-se com sua destruição.

Após o fim do conflito com o Paraguai, que se deu no ano 1870, foi instalado novamente em Nioac o comando do Distrito Militar de Miranda e a Parada da Guarnição de fronteira. Juntamente com o retorno do comando do distrito, segundo Miguel Palermo, que residiu em Nioac na década de 1890, houve a vinda de migrantes de várias províncias do Brasil e famílias provenientes do Paraguai que se dirigiram ao sul da província e se estabeleceram definitivamente ocupando os povoados de Campo Grande, Vacaria, Nioac, Ponta Porã e Bela Vista, “nos quais se contam mais de duzentos estabelecimentos pecuários de alguma importância” (Palermo, 2010, p. 38)²⁰.

Nesse contexto, segundo o artigo 1º da Lei provincial nº 506 de 1877, a localidade de Nioac foi “elevada à categoria de freguesia com a denominação de Levergeria e sob invocação de Santa Rita”²¹. Daquele ano em diante, a sua jurisdição eclesiástica ficaria desmembrada territorialmente da vila de Miranda, porém unida à comarca que esta vila constituía desde 1858.

O novo patamar adquirido, que é antes de tudo religioso, também deve ser entendido como sendo de cunho civil-administrativo, já que a nova paróquia passava a concentrar os registros dos eventos vitais (batismo, casamento, óbito) dos indivíduos residentes na sede da freguesia e região.

Em 1886, ocorreu a visita pastoral ao sul de Mato Grosso do bispo da diocese de Cuiabá, D. Carlos Luiz D’Amour. A partir desta viagem, foi elaborado

²⁰ Miguel Ângelo Palermo escreveu esta obra ainda em 1896, quando residia em Nioac. Nela, o autor narra as divergências políticas ocorridas no período republicano em Mato Grosso, particularmente sobre os incidentes ocorridos em 1892 na região sul do estado.

²¹ O nome de Levergeria foi dado em homenagem a Augusto Leverger (1808-1880), o barão de Melgaço (Palermo, 2010, p.34.).

um relato descritivo pelo secretário particular do bispo, cônego Bento Severiano Luz (Luz, 1979)²². A narrativa dessa viagem, feita por um de seus participantes, constitui-se em importante fonte sobre a província de Mato Grosso em fins do século XIX, tanto no que diz respeito a informações sobre os diversos núcleos populacionais por onde passaram, quanto pelas próprias características do relato, que indicam as concepções e representações simbólicas do redator.

Bento Luz afirma que elaborou o relato “nas horas disponíveis dos múltiplos afazeres da visita”, procurando sempre “oferecer a verdade no que expõem” (Luz, 1979, p.68-69). Seu relato está carregado de elogios ao bispo Dom Carlos, denominado de forma recorrente de “augusto pastor e apóstolo” (Luz, 1979, p.69). Ainda nas considerações iniciais, Bento Luz admite que “vacilava no que mais devia admirar”, se “a ignorância das mais triviais regras de civilidade e dos termos mais comuns de tratar as pessoas” que, em sua visão eram a característica predominante daquela população, ou “a sublimidade e nobreza da paciência e prudência inimitáveis do Prelado, que tudo sofria, só para não desagradar a menor de suas ovelhas” (Luz, 1979, p.70). Neste relato, os membros da comitiva pastoral, e sobretudo o bispo Dom Carlos, eram os agentes de civilização em direção ao Mato Grosso inculto, incivilizado e composto, em sua maioria, de “gente miúda” (Luz, 1979, p.148)²³. Ao dimensionar de forma superlativa os aspectos negativos do comportamento social e religioso da população de Mato Grosso, o cônego parece querer enfatizar as qualidades do bispo e sua abnegação em realizar o esforço de visitar uma população que ainda não havia se apropriado dos signos e práticas da civilização.

O cônego Bento Luz traz ainda observações de cunho político e econômico locais, registrando suas impressões e descrevendo cenas dos aspectos naturais, sociais e religiosos que encontrava nos lugares onde a comitiva pastoral passava. A viagem durou cinco meses e vinte e um dias, e foram percorridas cerca de 650 léguas (Luz, 1979, p.70). Sobre esse relato de Bento Luz, é importante salientar aqui, o que afirma Jérri Marin:

O Mato Grosso que o cônego Bento Severiano da Luz representou aproximava-se da concepção do mundo e de

²² O relato de Bento Luz foi transcrito e publicado em obra organizada por Luis Philippe Pereira Leite em 1979, e que se propõe realizar uma biografia do bispo Dom Carlos D’Amour.

²³ Bento Luz utilizou esse adjetivo para se referir à população em geral em muitas localidades aonde a comitiva chegava.

homem que conhecia, embora redefinissem sua própria identidade ao incorporar novos elementos culturais e linguagens. Ao fazê-lo, através da intervenção modificadora e transculturadora, o sul da Província de Mato Grosso também recebeu modificações no seu caráter original ao incorporar essas representações à sua identidade (Marin, 2003, p.189).

Dessa forma, o olhar do autor do diário estava inclinado aos objetivos daquela viagem religiosa e evidencia, dentre outros fatos, a distância entre o ideal religioso proposto pela diocese e aquele encontrado nas visitas às paróquias. Vários casos de irreverência e falta de familiaridade com os rituais litúrgicos católicos foram enfatizados no diário. Bento Luz fez questão de relatar que a população dava “vários títulos a S. Exa. Rvma. relativamente a sua alta dignidade: paternidade, alteza, categoria, majestade e por aí a fora” (Luz, 1979, p.70).

Além disso, foi dedicado grande espaço às descrições dos aspectos naturais das regiões percorridas. Nesse sentido, o relato de Bento Luz se assemelha àqueles aqui já analisados, pois descreve a natureza de forma paradoxal, ambígua e contrastante. Para Luz, a natureza impressionou os viajantes por sua beleza e, ao mesmo tempo, foi importante motivo de incômodo e de enfado, tornando a viagem aflitiva e cansativa (Marin, 2003, p.189).

O relato de Bento Luz, diferentemente dos outros aqui analisados, por se tratar de uma viagem de cunho religioso, se debruçou um pouco mais sobre os aspectos sociais dos sujeitos que viviam na região. A visita pastoral percorreu uma extensa área da porção sul da província, onde existiam diversas propriedades localizadas dentro dos limites territoriais da circunscrição da freguesia Santa Rita de Nioac.

Além de percorrer estas áreas, a comitiva também passou pela sede de Nioac, onde se localizava a Igreja Matriz. Neste episódio, Bento Luz fornece algumas impressões acerca da realidade social e a dinâmica interna do povoado. Segundo o cônego, na sede da freguesia de Nioac residiam aproximadamente 300 pessoas, e “estas reunindo-se a dos campos adjacentes, das colônias e das serras ter-se-á uma população de 3000 almas” (Luz, 1979, p.162). Apesar da evidente imprecisão desses números, visto que não foi realizada uma contagem precisa, fica claro, a partir do testemunho do Cônego Bento Luz, que a maior

parte dos indivíduos residentes na freguesia Santa Rita de Nioac estavam localizados nos *campos adjacentes*.

A eminência política de alguns indivíduos que ocupavam cargos de destaque no âmbito militar e civil fica clara no relato. Bento Luz relata o nome daquelas pessoas que denomina as “mais gradas” que, segundo ele, eram o tenente coronel Pedro José Rufino, o vigário local, o negociante Vicente Anastácio, João Anastácio Monteiro de Mendonça, João Augusto da Fonseca, José Alves Sanches Surga e o capitão honorário do exército Manoel de Castro Pinheiro (Luz, 1979, p.162).

Ao chegar na localidade, Bento Luz relata que houve “muito fogo do ar e repiques de sinos” além de “música militar que rompeu com entusiasmo o hino da independência” (Luz, 1979, p.161). Assim, a chegada da comitiva em Nioac foi descrita utilizando-se de dois importantes símbolos do Império naquela região de fronteira, quais sejam, o sino da Igreja e a música militar entoando o hino à independência.

Dom Carlos Luiz D'Amour e sua comitiva passaram pela sede da freguesia Santa Rita de Nioac em dois momentos, a primeira vez em agosto e a segunda em outubro de 1886²⁴. Na primeira passagem a comitiva permaneceu na sede da freguesia de Santa Rita de Nioac por nove dias, administrando sacramentos, visitando indivíduos proeminentes da região, além de vistoriar a confecção dos registros da paróquia, o cemitério, as condições de culto etc. (Luz, 1979, p.167). Bento Severiano da Luz assim descreve as características gerais da localidade de Nioac em agosto de 1886:

O local em que se acha a povoação de Nioac é de agradável perspectiva, muito aprazível; está numa eminência à borda do rio de mesmo nome, e pode-se dizer que é já um prenúncio de que se vai adentrar nas ameníssimas plagas que se desenrolam além da serra do Maracaju. O clima é temperado, o terreno é enxuto, fértil e sadio. Quando chove as ruas cobrem-se de lamas escorregadias e penoso torna-se então o trânsito pela grande quantidade de barro que pega nos calçados fazendo volume e grande peso, de modo que o transeunte sente os pés como metidos em tamancos de chumbo. Há grande abundância de água. Além do rio que banha o povoado, passa muito perto um regato com o nome de Correguinho. As ruas propriamente ditas

²⁴ Isso se deu porque, após a primeira visita a Nioac, a comitiva se dirigiu às diversas propriedades rurais e localidades ao sul, e, pelo trajeto percorrido, era necessário passar pela sede da freguesia em Nioac também no retorno.

são duas, formando um ângulo reto ao sul. Um lado deste ângulo corre ao nascente a abraça a praça, o outro lado segue para o norte. Estas ruas são cortadas por outras mais pequenas e não tem nomes. As melhores casas são a do honrado e muito estimado negociante Sr. D. Vicente Anastácio, e a do distinto S. Capitão do estado-maior de 2ª classe do exército desta, que serviu de paço episcopal; há um grande limeiral e goiabal, plantação do primeiro homem que ali estabeleceu-se (Luz, 1979, p.165-166).

As observações feitas por Bento Luz priorizaram aspectos naturais como clima, topografia e hidrografia, e indicam que o observador tinha seu olhar marcado pelos pressupostos científicistas da época, que enfatizavam estes aspectos como determinantes da saúde e do progresso das populações. Nesse sentido, como bem frisado por Marin, o olhar do observador sugere uma reflexão, um diálogo constante com suas referências culturais e visão de mundo (Marin, 2003, p.189).

Além dos aspectos naturais, Bento Luz relatou as características da estrutura local, como ruas, praça, cemitério, quartel, Igreja e as “melhores casas”. Sobre a Igreja Matriz, Luz afirma que era “pequena, mas sofrivelmente decente” e tinha o “grande inconveniente de estar encravada no quartel” (Luz, 1979, p.164), embora o pároco local, padre Simão Moreira da Rocha, fosse um capelão tenente do corpo eclesiástico do exército.

O cemitério local foi descrito como não tendo paredes nem portão, existindo em um campo aberto (Luz, 1979, p.164). Interessante que já na segunda passagem da comitiva por Nioac, em 17 de outubro de 1886, Bento Luz relata o recebimento de um ofício por parte de uma comissão nomeada pelo bispo, quando da primeira passagem pela localidade em agosto. A função dessa comissão era “agenciar uma subscrição a fim de cercar-se o cemitério dessa paróquia com a máxima brevidade” (Luz, 1979, p.192). O ofício trazia uma relação de 46 assinaturas, cuja soma total era de 1:100\$000.

Não sabemos se a obra foi realmente realizada ou se os valores foram realmente arrecadados e empregados para esse fim. No entanto, a própria descrição dessa organização dos moradores do local nos indica que Bento Luz fez questão de enfatizar que somente a partir da visita pastoral houve a mobilização para aquele fim.

Sobre a população local, o cônego fez também diversas observações e descreveu alguns acontecimentos que são elucidativos de um olhar etnocêntrico e hierarquizante sobre os sujeitos. Em uma descrição pitoresca, o cônego e secretário do bispo relatou o encontro de um morador de Nioac com sua santidade:

À hora do almoço apareceu, querendo mapiar com S. Exa., um indivíduo que bem podia servir de estudo àqueles que buscam o valor intelectual de um homem no peso da massa cerebral. Entrou, sentou-se numa cadeira, dobrou uma perna sobre a outra e acendeu um cigarro. Conhecemos logo que pouco lhe pesavam os miolos embora fosse um colosso de matéria. O capitão Alencar fez-lhe ver que não podia ter ali a liberdade que quisesse, e depois mostrando-lhe no mapa da sala a serventia desta para a praça, deu-lhe voz de: direita volver, marche e rua. O sujeito desconcertou-se e foi-se para não mais (Luz, 1979, p.193).

O tom jocoso do relato é contrastado, já no parágrafo seguinte, com a admiração de Bento Luz por uma “grande reunião de senhoras e cavalheiros na residência episcopal” naquele mesmo dia à noite. Essa reunião era um “pequeno concerto organizado para obsequiar a S. Exa. Revma” (Luz, 1979, p.193). Na orquestra havia uma harpa e uma rebeca e a execução de variedades musicais. O cônego afirma que “mal expirava a última nota de cada trecho, os aplausos rebentavam em toda a sala”, e tece ainda mais elogios aos “Srs. Pedro Petroni e Roca Daniel” por possuírem “em grande dose todos os elementos de verdadeiros violinistas: alma, colorido, movimento correto de mãos etc.” (Luz, 1979, p.193).

O claro contraste entre o sujeito “em que pouco lhe pesavam os miolos” e aqueles que executavam variedades musicais e encantavam a todos aparece nessa narrativa enfatizando a ambiguidade civilizacional que Bento Luz percebia na população da província de Mato Grosso e, nesse caso, também na população de Nioac. Seu relato, portanto, reproduz significados, enaltece comportamentos e valores e ainda classifica os sujeitos verticalmente conforme seus referenciais e concepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos considerar Viegas, Pitanga, Taunay e Bento Luz como *viajantes/autores*, que percorreram o Sul de Mato Grosso e a localidade de Nioac, espaços da nação considerados *desconhecidos e inóspitos*, elaborando descrições e imagens sobre essa região. Ao realizar suas viagens, estes autores não simplesmente descreveram a paisagem por onde passaram, mas construíram imagens, representações algumas vezes semelhantes e outras distintas, de acordo com os referenciais culturais e civilizacionais que traziam.

Não é perceptível nestes relatos uma diferenciação substancial, por exemplo, entre espaços *urbanos* e *rurais*. Os termos utilizados nos relatos são campos, fazendas, povoados, indicando que essa região por onde passaram era percebida como vasto sertão, distante da civilização e da modernidade.

Importante sublinhar também que alguns destes relatos aqui analisados, sobretudo a obra de Taunay, foram utilizados posteriormente por autores que se propuseram a “contar a história de Nioac” como uma “história que ocorreria na região, mas não existiria história da região” resvalando, assim, naquilo que Durval Muniz denominou *ilusão referencial* ou *ilusão objetiva*, ou seja, o aprisionamento à ideia de que a região é um dado da realidade, um objeto pré-existente e alheio às contingências dos processos históricos (Albuquerque Júnior, 2008 p.59)²⁵. Assim, o surgimento do núcleo populacional de Nioac foi, muitas vezes, e por autores distintos, descrito de forma naturalizada, produzindo um regionalismo que acaba por engessar os processos, sem considerar as dinâmicas sociais próprias daquele contexto.

Os relatos de viagem/passagem, portanto, são importantes fontes que possibilitam análises que reconheçam as distintas construções e elaborações realizadas por aqueles *viajantes/autores*, e nos ajudam a compreender alguns elementos do processo de constituição daquela localidade. Portanto, faz-se necessário inserir o núcleo populacional de Nioac, num contexto mais amplo do Império, no sul da província de Mato Grosso durante segunda metade do século XIX.

REFERÊNCIAS

²⁵ Nesse sentido, ver as obras de Serejo (2008 e 1959) e Dalmolin (2004).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **O objeto em fuga**: algumas reflexões em torno do conceito de região. Revista Fronteiras, Dourados: UFGD, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: História, cultura e transformações sociais. Dourados: Ed. UFGD, 2015.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **Corumbá**: Um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso, 1870-1920. [Corumbá] 154f. Datilografado, 1981.

CORREA, Valmir Batista. **Coronéis e Bandidos em Mato Grosso (1889-1943)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

CREMONESE-ADAMO, Camila. Fronteira, mitos e heróis: a criação e apropriação da figura do Tenente Antônio João Ribeiro no antigo sul de Mato Grosso. 177f. dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados, 2010.

DALMOLIN, José Vicente. **Nioaque no contexto da história de Mato Grosso do Sul e do Brasil** – século XIX. CD-ROM [2004?]

FARIA, Regina Helena Martins de. Organização militar e formação do campesinato no século XIX: o caso da Colônia Militar do Gurupi no Maranhão. In. IV JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. 2009, São Luiz – MA, Anais... São Luiz: UFMA/PPGPP, 2009.

CRE SPE, A. C. Mobilidade e temporalidade Kaiowá: do Tekoha à reserva, do Tekoharã ao Tekoha. 428f. Tese (Doutorado em História) – UFGD, Dourados, 2015.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Sertão, Fronteira, Brasil**: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá, MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: **Estudos Históricos. Caminhos da Historiografia**. Rio de Janeiro: Vértice, nº 1, p.5-27, 1988.

LOPES, Joaquim Francisco. Itinerario de Joaquim Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a Província de S. Paulo e a de Matto Grosso pelo Baixo Paraguay. In. Revista Trimestral do IHGB: Rio de Janeiro, Typographia Universal, Tomo XIII, Segunda Edição, 1854.

LUCÍDIO, João Antônio Botelho. Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois: a ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870. 308 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 1993.

LUZ, Bento Severiano da. Visita pastoral do sul. In: LEITE, Luiz P. Pereira. **Bispo do Império**. São Paulo: Resenha Tributária, 1979. p. 67-201.

MARIN, Jérri Roberto. Recristianização e civilização dos sertões matogrossenses: a visita pastoral de D. Carlos Luiz D'Amour ao sul da diocese de

Cuiabá, 1886. In. MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de (Orgs.). **História, região e identidades**. Campo Grande: UFMS, 2003.

MELGAÇO, Barão de. Apontamentos para o Dicionario Chorografico da Província de Mato Grosso pelo Barão de Melgaço. In. **Revista Trimestral do IHGB**: Rio de Janeiro, Typographia Universal, 1854. Tomo XLVII, Parte II.

MELLO, Raul Silveira de. **A Epopéia de Antônio João**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a província de Mato Grosso**. São Paulo: Typografia de Henrique Shoroeder, 1869.

NASCIMENTO, Naiara de Almeida. A Retirada da Laguna: imagens sobrepostas do Brasil oitocentista. 160f. Dissertação (Metrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

NOGUEIRA, Luiz Gabriel de Souza. **Uma freguesia ao sul de Mato Grosso**: famílias, ilegitimidade e compadrio em Santa Rita de Nioac (1877-1892). Campo Grande: Life Editora, 2024.

PALERMO, Miguel Ângelo. **Nioaque**: Evolução Política e Revolução em Mato Grosso. [1892] Série Memória Sul-Mato-Grossense. 3 ed. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010.

PITANGA, Epifanio Candido de Sousa. Diário da viagem do Porto do Jatahi à villa de Miranda: compreendendo os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná, Samambaia, Ivinhema e Brilhante, o Varadouro do Neoac, e os rios Neoac e Miranda. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico, e Ethnográfico do Brazil*. Rio de Janeiro: Typografia de Domingos Luiz dos Santos, Tomo XXVII, p.149-192, 2 trimestre de 1864.

SABOYA, Vilma Eliza Trindade. A Lei de Terras (1850) e a Política Imperial – seus reflexos na Província de Mato Grosso. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 115-136, 1995.

SENA, Divino Marcos de. **Livres e pobres no centro da América do Sul**: Um estudo sobre os camaradas (1808-1850). Dourados: Ed. UFGD, 2013.

SEREJO, Hélio. **O homem mau de Nioaque** (crônica histórica). Presidente Venceslau, SP: 1959.

SEREJO, Hélio. **Nioaque**: Um Pouco de sua História. In. *Obras Completas*, Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. 150 anos da Guerra do Paraguai: projetos, comemorações e apropriações em torno da retirada da Laguna. **Revista História: Debates e Tendências**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 383-397, jul./dez. 2015.

TAUNAY, Visconde de. **A Retirada da Laguna**. São Paulo: Edições de Ouro, 1952.

TAUNAY, Visconde de. **Dias de Guerra e de Sertão**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1927.

VIEGAS, Luiz Soares. Itinerario da Viagem da Côrte à villa de Miranda, Província de Matto Grosso, feito em cumprimento de ordem do Exm. Ministro e secretário D'Estado dos negócios da Guerra Brigadeiro Jeronimo Francisco Coelho. In. Revista Trimestral do IHGB: Rio de Janeiro, Typographia de D. Luiz dos Santos, I Trimestre de 1863. Tomo XXVI.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Desbravamento e Catequese na constituição da nacionalidade brasileira: as expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional. In. Revista Brasileira de História. São Paulo, V.15, nº30, 1995.

Recebido em 14/04/2024.

Aprovado para publicação em 21/07/2025.